

# DOIS SÉCULOS MÚSICA<sup>DE</sup>

ÓRGÃOS DO CONCELHO DE MAFRA











## **Venha fazer uma viagem no tempo através do património organístico do Concelho de Mafra!**

Este é o convite formulado pela Câmara Municipal que partilha, com os ouvintes, o registo sonoro dos onze órgãos do Concelho de Mafra, dos quais: o conjunto dos seis instrumentos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra, classificados como Património Mundial pela UNESCO; os quatro órgãos históricos das igrejas de Encarnação, Livramento, Gradil e Ericeira; e ainda o instrumento recentemente construído para a Igreja de Santo André, em Mafra. A coletânea integra, também, duas brochuras, uma para o público em geral e outra para o público infantil.

De facto, a valorização do património organístico é uma opção estratégica: da adesão à rede ECHO – *European Cities of Historical Organs* aos festivais internacionais, incluindo a organização do prémio de composição, a realização de *masterclasses* e *workshops*, o investimento na conservação dos órgãos históricos e na instalação de novos instrumentos e, também, a edição de publicações e CD.

No momento em que se concretiza o presente registo sonoro, saúdo o talento dos organistas e de uma vasta equipa superiormente coordenada pelo Professor Doutor João Vaz.

Que as notas tocadas nos onze órgãos sejam um hino:  
**“Mafra é (cada vez mais) Música!”.**

O Presidente da Câmara Municipal de Mafra,  
Hélder Sousa Silva





### *A gravação dos órgãos do concelho de Mafra*

A presente coletânea de gravações vem preencher uma lacuna no universo do registo sonoro dos órgãos portugueses. É certo que alguns instrumentos históricos foram, desde há bastante tempo, alvo do interesse das editoras e dos artistas. É, por exemplo, o caso do órgão da igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, ou do órgão da Sé de Évora, qualquer deles contando já com várias gravações editadas em LP ou CD, algumas delas datadas de há mais de meio século. Muitos outros foram gravados mais recentemente (algumas vezes, na sequência direta do seu restauro), o que contribuiu para que o arquivo sonoro dos órgãos históricos de Portugal aumentasse consideravelmente.

Os órgãos do concelho de Mafra, em contraste com o atrás descrito, nunca foram objeto de um registo fonográfico consequente. Até ao final do século XX, as únicas gravações efetuadas no órgão da Epístola da Basílica do Palácio Nacional de Mafra (realizadas antes do recente restauro integral do conjunto) inseriram-se em projetos cujo âmbito extravasava os limites do concelho. Só após a conclusão do seu restauro integral em 2010, o conjunto dos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra foi objeto de alguns registos extensos, começando pelo do concerto inaugural (ocorrido no dia 15 de maio daquele ano), gravado ao vivo pela RTP e posteriormente editado em DVD. Seguiram-se algumas outras gravações, normalmente associadas a um programa ou a um evento específico.



A coletânea, que agora se apresenta, obedece a um critério inédito. Desde logo, os seis órgãos da Basílica são encarados como um conjunto uno – tal como foram pensados desde a sua conceção – e a sua identidade orquestral é sublinhada através do repertório executado. As obras gravadas são, todas elas, arranjos de obras orquestrais, destinados ao conjunto organístico de Mafra e datados desde a conclusão dos instrumentos em 1807 até aos nossos dias. Os restantes quatro órgãos históricos existentes no concelho (Encarnação, Livramento, Gradil e Ericeira) são aqui apresentados pela primeira vez, ilustrando o repertório que lhes está mais proximamente associado: a música portuguesa de finais do século XVIII e início do século XIX. Quanto ao órgão da igreja de Santo André – a mais recente adição ao património organístico mafrense –, a sua presença nesta coletânea afirma a contemporaneidade da produção organeira portuguesa, não só através do próprio instrumento, mas também através do repertório gravado, todo ele escrito nos séculos XX e XXI.

O som de todos os órgãos do concelho de Mafra é assim dado a conhecer ao público pela primeira vez. Dois séculos de organaria, dois séculos de composição, dois séculos de Música!



Mafra, Basílica, Sacramento



CD1

## UMA ORQUESTRA DE SEIS ÓRGÃOS

Basílica do Palácio Nacional de Mafra



1. **GEORG FRIEDRICH HAENDEL** (1685-1759)  
Overture for the Royal Fireworks  
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
2. **JOHANN SEBASTIAN BACH** (1685-1750)  
Coral da Cantata *Herz und Mund und Tat und Leben*, BWV 147  
(1716/23)  
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
3. **JOSEPH HAYDN** (1732-1809)  
Sinfonia Nº 104 em Ré maior «Londres»  
I – *Allegro*  
(arranjo para 5 órgãos de anónimo português, c.1820)
4. **LUIGI BOCCHERINI** (1743-1805)  
Fandango (Quinteto G. 448, 1798)  
(arranjo para 6 órgãos de Yves Rechsteiner)
5. **MARCOS PORTUGAL** (1762-1830)  
Sinfonia a seis órgãos  
(arranjo da Abertura de *L'oro non compra amore*)

6. **LUDWIG VAN BEETHOVEN** (1770-1827)  
Sinfonia nº 7 em Lá maior, Op. 92  
II – *Allegretto*  
(arranjo para seis órgãos de João Santos)
7. **EDWARD ELGAR** (1857-1934)  
Pomp and Circumstance March nº 1  
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
8. **REMO GIAZOTTO** (1910-1998)  
Adagio sobre um tema de Tomaso Albinoni  
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)
9. **JOHN WILLIAMS** (1932)  
Star Wars Suite  
I – *Main Title*  
(arranjo para 6 órgãos de João Vaz)

**Sérgio Silva**, órgão do Evangelho  
**André Ferreira**, órgão da Epístola  
**João Santos**, órgão de São Pedro d'Alcântara  
**Margarida Oliveira**, órgão do Sacramento  
**Diogo Rato Pombo**, órgão da Conceição  
**Daniela Moreira**, órgão de Santa Bárbara

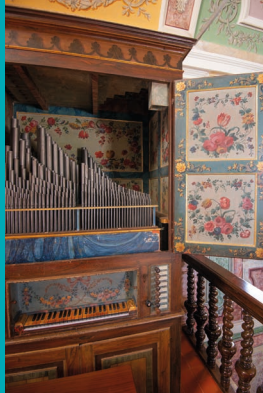




CD2

## O ÓRGÃO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Igrejas da Encarnação, Livramento, Gradil e Ericeira



### *Igreja de Nossa Senhora da Encarnação*

1. **CARLOS SEIXAS** (1704-1742)  
Sonata para órgão em lá menor
- 2-8. **FREI JERÓNIMO DA MADRE DE DEUS** (1714/5-p.1768)  
Versos de 5º tom (I, III, IV, IX, XIII, XV e XX)
9. **ANÓNIMO** (séc. XVIII)  
Adagio  
(Biblioteca Nacional de Portugal, MM 4505)
10. **FREI JOSÉ DA MADRE DE DEUS** (séc. XVIII)  
Fuga em ré menor

**João Vaz**, órgão

### *Igreja de Nossa Senhora do Livramento*

11. **ANÓNIMO** (Portugal, c. 1772)  
Tocata para corneta com ecos  
(Biblioteca Nacional de Portugal, MM 4450//2b)

12. **ANÓNIMO** (Portugal, séc. XVIII)  
Fuga do 6º tom  
(Biblioteca Nacional de Portugal, MM 4170)

**André Ferreira**, órgão

### *Igreja de São Silvestre, Gradil*

- FREI JOSÉ MARQUES E SILVA** (1782-1837)
13. Fantasia em Dó maior
14. Laudamus te
15. **ANÓNIMO** (Portugal, séc. XVIII/XIX)  
Adagio
16. **MARCOS PORTUGAL** (1762-1830)  
Dignare Domine

**Margarida Oliveira**, órgão  
**Bruno Nogueira**, tenor

### *Igreja de São Pedro da Ericeira*

17. **ANÓNIMO** (Portugal, séc. XVIII/XIX)  
Discurso para órgão
- ANTÓNIO DA SILVA LEITE** (1759-1833)
18. Domine si sponsa tua sum
19. Adágio para órgão
20. Paratur nobis mensa Domini

**Margarida Oliveira**, órgão  
**Bruno Nogueira**, tenor





CD3

# A INSPIRAÇÃO DO CANTO GREGORIANO

Igreja de Santo André em Mafra



1. **JEANNE DEMESSIEUX** (1921-1968)  
Rorate cæli \*  
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*, 1950)
2. **CANTO GREGORIANO**  
Alma Redemptoris Mater
3. **JOÃO VAZ** (1963)  
Alma Redemptoris Mater  
(*Quatro Antifonas Marianas*, 2017)
4. **IGNÁCIO RODRIGUES** (1972)  
Alma Redemptoris Mater (2018)
5. **JEANNE DEMESSIEUX**  
Attende Domine \*  
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*)
6. **JOÃO VAZ**  
Ave Regina cælorum  
(*Quatro Antifonas Marianas*)

7. **JEANNE DEMESSIEUX**  
Hossana filio David \*  
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*)
8. **JOÃO VAZ**  
Regina cæli  
(*Quatro Antifonas Marianas*)
9. **DENIS BÉDARD** (1950)  
Prélude et Toccata sur «Victimæ paschali laudes» (2004) \*
10. **DENIS BÉDARD**  
Méditation sur «O filii et filiæ» (1993) \*
11. **SÉRGIO SILVA** (1981)  
O filii et filiæ (2017)
12. **DENIS BÉDARD**  
Choral sur «O filii et filiæ» \*  
(*Six paraphrases grégoriennes*, 1997)
13. **JEANNE DEMESSIEUX**  
Veni Creator \*  
(*Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ*)
14. **RODRIGO CARDOSO** (1997)  
Pange lingua (2018)
15. **JOÃO VAZ**  
Salve Regina  
(*Quatro Antifonas Marianas*)





16. **DENIS BÉDARD**  
Improvisation sur «Salve Regina» \*  
(*Six paraphrases grégoriennes*)
17. **JOÃO PEDRO D'ALVARENGA (1961) / JOÃO VAZ**  
Lux æterna (2017)
18. **HILDEGARD VON BINGEN (1098-1179)**  
Cum erubuerint
19. **CAROLINE CHARRIÈRE (1960-2018)**  
De Sancta Maria
20. **DENIS BÉDARD**  
Ave maris stella \*  
(*Six paraphrases grégoriennes*)
21. **JOÃO VAZ**  
Ave maris stella (2017)

**Sérgio Silva**, órgão  
**Ensemble Lusiovoce**  
**Inês Lopes, Mariana Moldão, Susana Duarte, Tânia Viegas,**  
**Verónica Silva**, sopranos  
**Maria de Fátima Nunes, Michelle Rollin Rodrigues, Marta**  
**Queirós, Raquel Pedra, Rita Morão Tavares**, contraltos  
**Frederico Projecto, Pedro Rollin Rodrigues**, tenores  
**Pedro Casanova, Rui Bôrras**, baixos  
**Clara Coelho**, direção

\* – Órgão solo





## UMA ORQUESTRA DE SEIS ÓRGÃOS

Basílica do Palácio Nacional de Mafra



### *Os instrumentos*

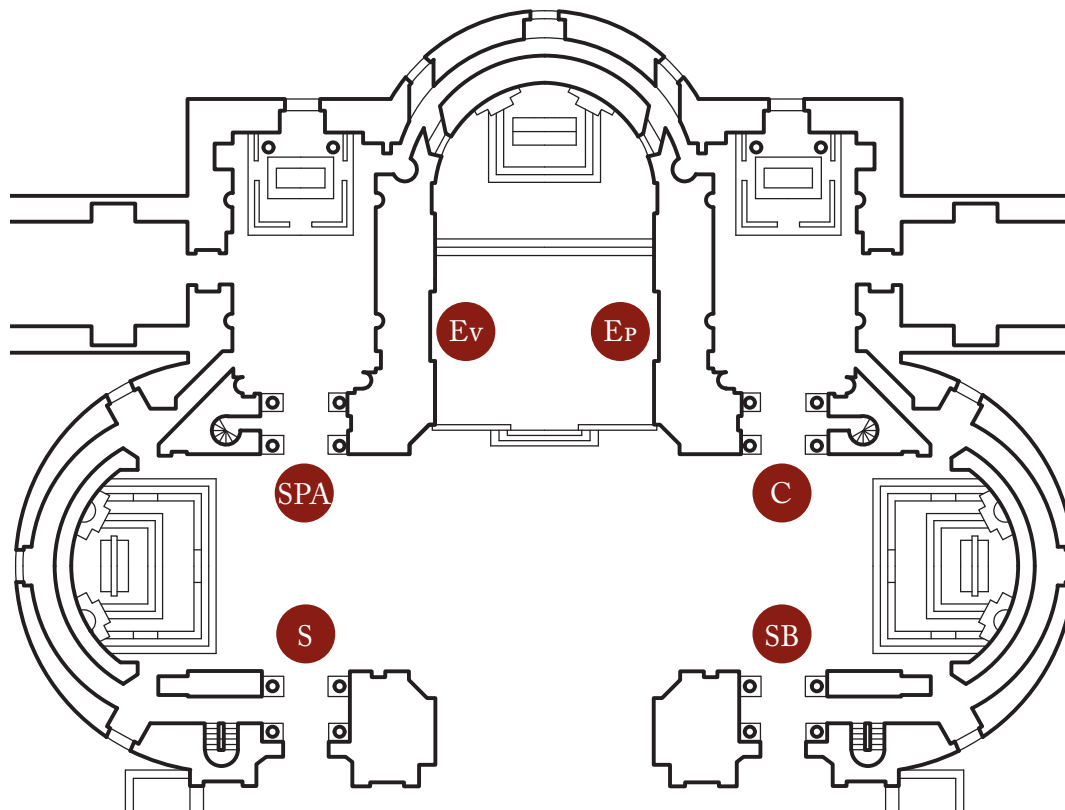
A Basílica do Palácio Nacional de Mafra alberga seis órgãos – dois na Capela-Mor, dois no transepto Norte e dois no transepto Sul – que constituem um núcleo único no mundo. Esta singularidade deriva não só do seu número e dimensão, já de si notáveis, mas sobretudo do facto de terem sido construídos ao mesmo tempo e de terem sido concebidos originalmente para tocar em conjunto. A maioria dos conjuntos de vários órgãos existentes em igrejas europeias resultou da adição sucessiva de vários instrumentos ao longo do tempo e não de uma conceção global prioritária.

Embora haja notícia de outros seis órgãos construídos provavelmente na década de 1760, os instrumentos que atualmente se po-

dem admirar na Basílica de Mafra resultam do trabalho desenvolvido, a partir de 1793, por António Xavier Machado da Cerveira (1756-1828) e Joaquim António Peres Fontanes (1750-1818) – os dois mais importantes organeiros ativos em Portugal no seu tempo – e foram terminados entre 1806 e 1807. Os últimos dois foram inaugurados a 4 de outubro de 1807, tendo sido produzido nesse ano um número substancial de composições envolvendo os seis órgãos.

Os seis órgãos – com imponentes caixas em madeira exótica com aplicações de bronze dourado (especialmente no caso da Capela-Mor), albergando tubos de fachada com vinte e quatro palmos





1. Órgão do Evangelho (Ev)

2. Órgão da Epístola (Ep)

3. Órgão da Conceição (C)

4. Órgão de Santa Bárbara (SB)

5. Órgão do Sacramento (S)

6. Órgão de São Pedro d' Alcântara (SPA)





Real – os seis órgãos foram sujeitos a uma intervenção profunda. O objetivo desta obra, levada a cabo por António Xavier Machado e Cerveira, foi não apenas reparar os instrumentos, mas também ampliá-los e adaptá-los ainda mais ao novo ideal sonoro orquestral. Infelizmente, os trabalhos foram interrompidos alguns anos mais tarde (Machado e Cerveira morreu em 1828) e vários aspetos, como por exemplo a remontagem do órgão de São Pedro d’Alcântara, foram deixados por terminar.

A partir de finais do século XIX, mas sobretudo ao longo do século XX, os órgãos da Basílica de Mafra foram sujeitos a diversas intervenções que visaram permitir que alguns dos instrumentos voltassem a tocar. Estes trabalhos oscilaram entre a mera aplicação de ventiladores elétricos e intervenções mais profundas. No entanto, independentemente dos diferentes graus de profundidade (e de qualidade), todos esses trabalhos foram pensados em função de um ou de outro instrumento, nunca considerando o conjunto como um todo.

–, embora diferentes entre si, têm várias características comuns. Algumas, como as palhetas horizontais ou o teclado dividido, são frequentes entre os instrumentos ibéricos da época. Outras, como as palhetas de ressoador curto, a *Voce umana* italiana e especialmente o someiro duplo (que permite a rápida anulação dos registos do «cheio»), são típicas da escola de Cerveira e Fontanes.

Pouco depois da sua conclusão, as invasões francesas e o subsequente exílio da Corte portuguesa no Brasil levaram a um declínio no uso dos instrumentos e à sua degradação. Cerca de uma década mais tarde – na sequência da derrota das tropas napoleónicas e provavelmente em conexão com a perspetiva do regresso da Família



Mafra, Basílica, Conceição





Só na década de 1990 começou a ser equacionada a possibilidade do restauro integral dos seis órgãos. O trabalho, confiado ao organeiro Dinarte Machado, começou em 1998 e foi concluído em 2010. Este projeto, a maior obra do género jamais executada em Portugal, incluiu a reconstrução do órgão de São Pedro d'Alcântara, incorporando todos os materiais recuperados desde a sua desmontagem. O restauro dos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra foi distinguido em 2012 com o Prémio Europa Nostra (categoria Conservação).







## *O Repertório*

A perspectiva da conclusão dos seis órgãos, em 1807, levou a uma grande atividade composicional, dada a óbvia inexistência de repertório para semelhante formação instrumental. Ainda se conserva atualmente (sobretudo na Biblioteca do Palácio de Mafra e na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa) um número notável de obras destinadas aos seis órgãos, datadas, na sua maioria, de 1807. Uma característica comum a todas essas obras, tanto as puramente instrumentais, como a Sinfonia para a Real Basílica de Mafra de António Leal Moreira, como as que incluem coro, como a *Missa* de João José Baldi para coro e seis órgãos (escrita provavelmente tendo em vista a conclusão dos seis órgãos na festa de São Francisco em 1807), é o facto de tratarem os seis órgãos como se se tratassem de uma orquestra.

O carácter orquestral, imediatamente reconhecido pelos compositores da época, foi explorado não apenas em obras originais, mas também na transcrição de obras inicialmente destinadas a orquestra. É o caso da *Sinfonia a seis órgãos* de Marcos Portugal (1762-1830), um arranjo (provavelmente do próprio autor) da abertura da sua ópera *L'oro non compra amore*. Este arranjo, tal como os arranjos de dois andamentos da *Sinfonia n.º 40 «Londres»* de Joseph Haydn (1732-1809) – um dos quais incluído nesta gravação – sobrevive numa cópia conservada na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa. A recuperação destas obras deveu-se ao trabalho de David Cranmer e Rejane Paiva.





O restauro integral dos seis órgãos da Basílica, concluído em 2010, deu origem a uma intensa atividade concertística e, consequentemente, a uma procura de repertório para aquele conjunto. Algumas das obras incluídas nesta gravação foram tocadas várias vezes ao longo dos últimos dez anos. São exemplo disso os arranjos de João Vaz do andamento inicial da *Music for the Royal Fireworks* de Georg Friedrich Haendel (1685-1759), do coral final da Cantata *Herz und Mund und Tat und Leben*, BWV 147 de Johann Sebastian Bach (1685-1750), da *Pomp and Circumstance March nr. 1* de Edward Elgar (1857-1934) e do primeiro andamento (*Main Title*) da *Star Wars Suite* de John Williams (n. 1932). Em todos estes arranjos, a escrita orquestral é rigorosamente respeitada e distribuída especialmente pelos seis órgãos. O papel dos metais na *Overture* de Haendel ou na fanfarra inicial do tema da *Star Wars Suite* de Williams, é emulado com naturalidade pelas palhetas horizontais





dos seis órgãos. Da mesma forma, a oposição entre a orquestra e o coro no coral final da Cantata nº 147 de Bach ou os constantes cambiantes orquestrais da *Pomp and Circumstance March* de Elgar são sugeridos convincentemente através do diálogo entre os órgãos e os contrastes de registação.

Um dos maiores incentivos para a produção de nova música para os seis órgãos da Basílica foi o concurso internacional de composição, atualmente sustentado pelo Ministério da Cultura e pela Câmara Municipal de Mafra. Este concurso inclui uma modalidade de transcrição de obras já existentes, algumas das quais já integraram o repertório habitual dos concertos a seis órgãos. É o caso do arranjo de João Santos do segundo andamento (*Allegretto*) da Sinfonia nº 7 de Ludwig van Beethoven (1770-1827), premiada em 2017, e sobretudo do arranjo de Yves Rechsteiner do *Fandango* do Quinteto com guitarra G. 448 de Luigi Bocherini (1743-1805), que obteve uma menção honrosa em 2011. Estes arranjos reinterpretem a orquestração original das obras, adaptando-as às idiosincrasias tímbricas dos seis órgãos.

Os numerosos arranjos que têm sido escritos, desde 2010, para os seis órgãos da Basílica de Mafra têm vindo a provar que as potencialidades orquestrais daquele monumental conjunto organístico, desenvolvidas por Peres Fontanes e por Machado e Cerveira e exploradas pelos compositores da época, se mantêm atuais e eficazes nos nossos dias.



Mafra, Basílica, Evangelho



## O ÓRGÃO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVIII E XIX

### Igrejas da Encarnação, Livramento, Gradil e Ericeira

#### *Os instrumentos*

Mafra é hoje um polo da cultura organística em Portugal. Todos os meses, centenas de pessoas se deslocam dos mais variados pontos do país – e do estrangeiro – para ver e ouvir os seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional. No entanto, apesar da importância dos órgãos da Basílica, o património de órgãos históricos de Mafra não se resume àqueles seis instrumentos. A atividade organeira estendeu-se a outras localidades do concelho e dela são testemunho quatro instrumentos que sobreviveram até aos nossos dias em diferentes localidades: Encarnação, Gradil, Livramento e Ericeira. Estes instrumentos ditos «de armário» (porque possuem portas que ocultam toda a tubaria), ainda que de dimensões muito reduzidas, quando comparados com os órgãos da Basílica de Mafra, são exem-

plos igualmente significativos da tendência verificada na organaria portuguesa a partir de meados do século XVIII.

Existem, de resto, ligações entre estes pequenos instrumentos e o conjunto monumental da Basílica. Os órgãos da Igreja de Nossa Senhora do Livramento (inicialmente colocado na Igreja de São Pedro dos Grilhões) e da Igreja de São Silvestre no Gradil foram construídos por António Xavier Machado e Cerveira. Por outro lado, o órgão da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação foi construído por volta de 1770 por Bento Fontanes, irmão de Joaquim António Peres Fontanes e filho de João Fontanes de Maqueira, construtor do famoso órgão da Igreja de São Vicente de Fora, em





Lisboa. Natural da Galiza, João Fontanes está sepultado em Mafra, o que faz supor uma ligação profissional da família Fontanes àquela região. O instrumento da Igreja da Encarnação, o mais antigo órgão histórico do concelho, sobreviveu até aos nossos dias no estado praticamente original, tendo sido restaurado integralmente em 2004 pelo organeiro Dinarte Machado. A sua construção revela estreitas ligações com a organaria italiana, fruto da forte influência que Itália teve na vida musical do nosso país, desde o início do século. Um indício daquela tendência é a presença da Voz humana (um registo labial ondulante encontrado nos órgãos italianos a partir do século XVII, sob o nome de *Voce umana*).







Livramento



Gradil

O órgão que atualmente se encontra no coro alto da igreja de Nossa Senhora do Livramento foi construído por António Xavier Machado e Cerveira em 1787. Uma inscrição sobre o teclado identifica-o como o número 16 daquele construtor. O instrumento possui uma caixa pouco comum, com os tubos verticais da fachada enquadrados por uma moldura oval. A pintura nas faces interiores das portas laterais sugere a intenção de que estas se conservassem abertas quando o órgão era tocado, de forma a proporcionar uma melhor difusão do som. O teclado de cinquenta e uma teclas e a composição dos registos é característica da construção de Machado e Cerveira assim como dos pedais anuladores dos cheios – um me-





canismo característico da organaria portuguesa daquela época, que permitia cortar o acesso do vento a determinados registos, criando efeitos de eco ou de contraste entre *forte* e *piano* – presentes em todos os instrumentos da sua autoria. Devido a décadas de incúria e vandalismo, o órgão perdeu a quase totalidade da sua tubaria, en-

contrando-se todos os restantes componentes bastante degradados. A análise dos materiais subsistentes e o conhecimento de outras obras congéneres de Machado e Cerveira, permitiram ao organeiro Dinarte Machado uma total reconstrução e restauro do instrumento, o qual foi terminado em 2007.

A igreja de São Silvestre no Gradil possui um órgão também da autoria de António Xavier Machado e Cerveira, construído em 1801. Uma placa sobre o teclado identifica-o como o número 59 daquele construtor. É um instrumento de armário com fachada (sem palhetas horizontais) com um só teclado de cinquenta e uma teclas. Possui dez meios registos (cinco para a mão esquerda e cinco para a mão direita), numa disposição típica da fatura de Machado e Cerveira naquele período. O instrumento sobreviveu praticamente intacto até aos nossos dias, tendo a Comissão Paroquial decidido encomendar o seu restauro em 1 de dezembro de 1988. O trabalho foi executado pelo organeiro António Simões e terminado em 1990.

O órgão da Igreja de São Pedro na Ericeira é um instrumento mais tardio, construído por José Carlos de Sousa Machado em 1822. Não sendo um exemplar com o mesmo peso histórico dos restantes instrumentos, constitui, no entanto, um dos testemunhos de uma certa continuidade da atividade organeira no concelho de Mafra ao longo das primeiras décadas do século XIX. É um órgão de armário, embora com fachada, com um teclado de cinquenta e quatro teclas. Cinco dos seus sete registos são acionados por manípulos distribuídos por ambos os lados do teclado. Tendo-se degradado progressivamente ao longo do século XX, a comissão paroquial encomendou, em 1986, o seu restauro ao organeiro António Simões.





## *O Repertório*

A influência dos modelos musicais italianos, sentida em toda a Europa ao longo do século XVIII, teve um impacto especial em Portugal, a partir da subida ao trono de D. João V. O monarca, ele próprio seduzido pelo cerimonial – e pela música – da corte papal em Roma, desenvolveu uma política de «italianização», que teria efeitos significativos na música praticada em Portugal ao longo de mais de um século. O recurso a músicos italianos (da qual o exemplo mais notório foi a contratação de Domenico Scarlatti), o envio de jovens compositores portugueses para estudar em Roma e a fundação do Seminário Patriarcal (escola que dominaria o ensino musical até 1834), foram algumas das medidas inscritas nessa política. Por volta de 1720, a maioria dos músicos ativos em Lisboa era de origem

italiana, ou tinha estudado em Itália.

José António Carlos de Seixas é uma curiosa exceção neste contexto. Nascido a 11 de junho de 1704, ocupou, com apenas catorze anos de idade, o lugar do seu pai, organista da Catedral de Coimbra. Em 1720 viaja até Lisboa e torna-se organista da Catedral. Pouco depois ascende à categoria de Vice Mestre de Capela, algo notável se se tiver em conta que o Mestre de Capela era nada menos do que Scarlatti. Morreu em 25 de agosto de 1742, ocupando o lugar de Mestre de Capela. Seixas criou um estilo musical próprio, sem dúvida inspirado pela música italiana, mas com elementos específicos do temperamento lusitano. Das suas sonatas para tecla (que se crê terem sido várias centenas) apenas cerca de cem sobreviveram ao



terramoto de 1755 e chegaram até aos nossos dias. A maior parte destas sonatas é destinada ao cravo. No entanto, Seixas escreveu algumas obras especificamente destinadas ao órgão, como é o caso da *Sonata em Lá menor*.

Durante grande parte do século XVIII, a escrita para órgão manteve em Portugal muitas afinidades com a escrita para cravo, não existindo na maior parte das obras especificação do instrumento a que eram destinadas. Tal é o caso da *Fuga em ré menor* de Frei José da Madre de Deus ou a *Fuga de 6º tom* de autor anónimo (embora, em ambos os casos, a escrita sugira o órgão como instrumento mais provável). Os *Versos de 5º tom* de Frei Jerónimo da Madre de Deus, obviamente destinados ao órgão, dada a sua função litúrgica, constituem uma exceção. Pelo contrário, a *Tocata para corneta com ecos*, proveniente de um manuscrito de finais do século XVIII, conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, é claramente destinada ao órgão e faz uso do anulador de cheios. A *Fantasia em Dó Maior*, de Frei José Marques e Silva (1782-1837), escrita já no início do século XIX, é uma obra de grandes dimensões que obedece aos padrões da forma-sonata do período clássico e é claramente destinada ao órgão. Também aqui, as numerosas indicações de *forte* e *piano* referem o uso do anulador de cheios.

A influência da ópera italiana sentiu-se em quase todos os géneros musicais durante a segunda metade do século XVIII. As árias de António da Silva Leite (1759-1833) têm um inegável estilo operático, apesar do seu conteúdo religioso, e mesmo nas peças instrumentais as elaborações ornamentais têm um sabor claramente vocal.





## A INSPIRAÇÃO DO CANTO GREGORIANO

### Igreja de Santo André em Mafra

#### *O instrumento*

No dia 1 de novembro de 2018, o património de Mafra foi enriquecido pela adição de mais um elemento: o novo órgão, concebido pelo organeiro Dinarte Machado para a igreja de Santo André. As razões para construção deste novo órgão em Mafra assentaram fundamentalmente em três fatores: o repertório, o ensino e a liturgia.

A paisagem organística mafrense é dominada pela escola organeira portuguesa de finais do século XVIII e inícios do século XIX, nomeadamente pelos construtores dos seis órgãos da Basílica, Joaquim António Peres Fontanes e António Xavier Machado e Cerveira (este último, autor, também, dos instrumentos atualmente existentes nas igrejas do Gradil e do Livramento). Todos os órgãos

históricos do concelho de Mafra, independentemente da sua dimensão, possuem apenas um teclado e uma paleta sonora obviamente vocacionada para a música portuguesa do dealbar de oitocentos. O novo órgão da igreja de Santo André, com os seus dois teclados e pedaleira, ampliou significativamente as possibilidades do repertório a executar, permitindo a abordagem de uma parcela significativa do núcleo central da literatura organística (Buxtehude, Bach, Mendelssohn, etc.), impossível de tocar em qualquer dos restantes instrumentos da região.

Por outro lado, este novo órgão permitiu o arranque de uma atividade pedagógica em torno do instrumento. A criação de uma classe



de órgão no Conservatório de Música de Mafra era até então impossível, devido à inexistência de um instrumento onde se pudesse abordar (mesmo ao nível da iniciação) o repertório básico daquela disciplina. Este novo órgão veio abrir essa possibilidade, proporcionando aos futuros alunos um veículo para a execução de grande parte do programa exigido nos currículos do ensino especializado de música.

Finalmente, o novo órgão veio cumprir uma função litúrgica. Assumindo uma posição de destaque na Igreja desde há séculos – reiterada, nomeadamente, pela instrução *Tra le sollecitudine* (1903) e pela constituição *Sacrossantum Concilium* (1963) – o órgão foi alvo, nas últimas décadas do século passado, de um certo desinteresse por parte de muitos elementos ligados à música litúrgica. A recente inversão desta tendência tem levado a que muitas paróquias de norte a sul do país tenham envidado esforços no sentido de adquirir instrumentos novos ou de restaurar órgãos históricos. A instalação deste novo órgão na igreja de Santo André foi também um reflexo dessa tendência e virá certamente contribuir para enriquecer a qualidade da música litúrgica.



Mafra, Igreja de Santo André





## O Repertório

O Canto Gregoriano – expressão geralmente usada para designar o conjunto de monodias desenvolvido sobretudo a partir do final do século VIII e que se afirmaria como linguagem musical oficial da Igreja Católica – constituiu, ao longo da História da Música, uma fonte inesgotável de inspiração para a composição. Esta inspiração é visível em obras de origem tão diversa como os *organa* de Léonin (uma das primeiras manifestações da polifonia, onde uma das vozes reproduz, em valores longos, uma melodia litúrgica), a *Symphonie fantastique* de Berlioz (que cita, no seu 3º andamento, a frase inicial do *Dies irae*), ou o *Requiem* de Duruflé (no qual todas as secções são construídas sobre as melodias gregorianas da Missa de Defuntos).

As obras para órgão solo incluídas nesta gravação são um exemplo claro do uso de melodias gregorianas como elemento estruturante. Jeanne Demessieux (1921-1968) foi aluna de Marcel Dupré e afirmou-se desde cedo como uma executante de referência a nível internacional. Tal como o seu mestre, também se dedicou à improvisação e à composição. Os seus *Twelve Choral Preludes on Gregorian Chant Themes for Organ* usam frequentemente formas inspiradas nos prelúdios-corais de Bach, recorrendo a uma linguagem mais contemporânea. Denis Bédard (n. 1950), organista da Holy Rosary Cathedral em Vancouver, escreveu música para órgão solo, coro e várias combinações instrumentais. A sua escrita – de forte inspiração tonal – recorre frequentemente a temas pré-existentes, como sucede nas peças





incluídas nesta gravação, que se baseiam em melodias gregorianas.

As *Quatro antífonas marianas* de João Vaz (para coro feminino e órgão) resultaram de uma encomenda do II Ciclo de Órgão de Santarém em 2017 e são todas baseadas, de formas diferentes, nas respectivas antífonas gregorianas: em *Alma Redemptoris Mater*, uma das vozes cita integralmente (embora com um ritmo diferente) a melodia original; a parte de órgão de *Salve Regina* é um ostinato construído sobre as primeiras cinco notas da antífona gregoriana; em *Ave Regina caelorum*, a melodia original é citada como um *cantus firmus* numa das vozes, servindo também de base aos interlúdios do órgão; finalmente em *Regina Coeli*, após uma primeira secção homofónica, cada frase é desenvolvida num contraponto imitativo (baseado em células da melodia gregoriana) entre as duas vozes.

*Alma Redemptoris Mater* para coro misto e órgão, de Ignácio Rodrigues, foi escrita a convite do Festival de Órgão da Madeira. Iniciando-se com a primeira frase da melodia gregoriana, evolui para uma escrita polifónica (inicialmente apenas com vozes masculinas e posteriormente com todo o efetivo vocal), pontuada por breves interlúdios do órgão. Fragmentos da melodia gregoriana são citados ao longo da peça, quer pelas vozes, quer pelo órgão.

Com origem no século XV, e não se podendo encaixar exatamente na categoria de Canto Gregoriano, *O filii et filiae* é um dos hinos pascais mais populares em todo o mundo. Nesta obra de Sérgio Silva (para coro misto e órgão), a melodia aparece sempre na sua forma original, embora envolvida numa textura diferente em cada estrofe. Ao longo da peça são criados ambientes diferentes – incluindo uma



fuga de sabor «bachiano» – que culminam na estrofe final, onde a melodia é cantada em uníssono por todo o coro e pontuada majestosamente pelas harmonias do órgão.

*Pange lingua* de Rodrigo Cardoso é fruto de um desafio lançado a alunos da classe de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa, no sentido de escreverem uma obra baseada naquele hino gregoriano. Aqui, a melodia original é reconhecível de uma forma não evidente. Segundo o próprio compositor, a obra «procura um diálogo entre o presente e o passado, através da absorção, da flutuação e da nudez.»

Os primeiros quatro compassos de *Lux aeterna* – onde a parte de órgão, construída sobre as primeiras notas da antífona gregoriana, serve de suporte à entrada sucessiva das três vozes (soprano, tenor e baixo) – foram escritos por João Pedro Alvarenga, ainda enquanto aluno do Instituto Gregoriano de Lisboa, na década de 1980. Já no início deste século, João Vaz retomou o trabalho, com base naquele fragmento, tendo escrito a maior parte da secção central. Só em 2017 foi escrita, em conjunto, a conclusão da peça. Cada uma das secções do texto é construída sobre a correspondente melodia gregoriana, sendo a parte de órgão baseada sempre na frase inicial.

De *Sancta Maria* para vozes femininas e órgão, da suíça Caroline Charrière, é inspirada na antífona *Cum erubuerint* de Hildegarde von Bingen. Após o canto da antífona por uma solista, o coro entoia um lamento, acompanhado pelo órgão. A antífona vem sobrepor-se a esta textura e a obra termina com uma secção a solo no órgão que funciona, no dizer da compositora «como uma flecha lançada em direção à luz».

Em *Ave maris stella*, sobre um movimento melódico e rímico, contínuo e incessante no órgão, desenvolve-se um diálogo imitativo entre as vozes femininas. Sobre este contraponto intrincado, cada uma das frases do hino gregoriano é citada integralmente, pelas vozes masculinas, como um *cantus firmus*.







### André Ferreira

André Ferreira é licenciado em Órgão pelo Real Conservatório de Amsterdão, onde estudou com Jacques van Oortmerssen, tendo igualmente a oportunidade de trabalhar com Pieter van Dijk. Concluiu o mestrado em Órgão na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), sob a orientação de João Vaz. Iniciou os seus estudos de órgão com António Esteireiro no Instituto Gregoriano de Lisboa, continuando posteriormente com Jos van der Kooy no Conservatório de Haia. O gosto pela Música Antiga levou-o ao estudo de oboé barroco, com Maria Petrescu, sendo presentemente aluno de licenciatura da classe de Pedro Castro, na ESML. Como solista ou integrado em diversos agrupamentos musicais, já efetuou recitais em Portugal, Espanha, Itália e Holanda. Colabora como organista com a Paróquia de São Tomás de Aquino e com a Paróquia de Santa Maria de Belém (Mosteiro dos Jerónimos) em Lisboa. No ano letivo 2016/2017 lecionou no Conservatório Regional de Ponta Delgada, Açores. É professor de Órgão na Escola Diocesana de Música Sacra do Patriarcado de Lisboa. É licenciado em Matemática Aplicada e Computação pelo Instituto Superior Técnico. Frequenta atualmente o Doutoramento em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa.

### Bruno Nogueira

Natural da Maia, inicia os estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, em Canto, nas classes de Cecília Fontes, Sara Braga Simões e José Lourenço. Terminou a licenciatura em Música Antiga na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) em 2011, na classe de Canto de Magna Ferreira. Atualmente frequenta o Mestrado de Ensino de Música - Canto, com Luís Madureira, na ESML. Participou em *masterclasses* com Paul Esswood, Jill Feldman, Marco Beasley, Rui Taveira, Luís Madureira, Orlanda Isidro e Fernando Guimarães. Como solista, participou nas óperas *Acis and Galatea* de Händel, *L'ivrogne corrigé* de Gluck, *Fairy Queen* de Purcell, no intermezzo *Kleine Arlekinade*, de Salieri, na opereta *As Madamas do Bolhão*, de Offenbach / Eurico Carrapatoso, na *Missa da Coroação* de W. A. Mozart, nas cantatas *Actus tragicus* de J. S. Bach e *Membra Jesu nostri* de Buxtehude, na *Paixão Segundo São João* de J. S. Bach, nas *Vésperas da Beata Virgem* Maria de Lourenço Rebelo, bem como na estreia da *Paixão segundo S. João* de Joaquim dos Santos. Foi elemento dos grupos Dixit Dominus, Pedro do Porto, Ensemble Vocal, Sesquialtera e Arte Mínima.

### Clara Alcobia Coelho

Clara Alcobia Coelho fez os estudos superiores na ESML nas áreas de Formação Musical e Direção Coral, onde estudou com Vasco Azevedo, e concluiu o mestrado sob a orientação de Paulo Lourenço. Foi maetrina do Coro no Festival *Les Musicalles de Grillon* de 2006 a 2016. Dirige desde 2010 o Ensemble Lusiovoce. Com agrupamentos da ESML coordena diversos programas de música coral e vocal de câmara. Integra



o Coro Gulbenkian desde 1997 e participou como soprano em agrupamentos como Oficium Grupo Vocal, Voces Caelestes, Ensemble Mpmp, Studio Contrapuncti. Tem colaborado regularmente nos ensaios e preparação de programas do Coro Gulbenkian. Recentemente tem privilegiado a execução de música contemporânea, de que se destacam a preparação do Coro Gulbenkian em *L'Autre Hiver* (projeto ENOA), a direção musical da versão encenada de *Hummus* (Zad Moulataka) em Lisboa e em Londres, a estreia de obras portuguesas para Coro e Órgão, e a direção e gravação de Cd do 1º Prémio Musa com o Ensemble Mpmp, que inclui estreias de música portuguesa para coro *a capella* sobre textos de Sophia de M. Breyner. É docente desde 2001 na Escola Superior de Música de Lisboa e na Academia Nacional Superior de Orquestra.

### **Daniela Moreira**

Iniciou os seus estudos musicais no ano 2000, completando o 8º Grau de Órgão com a Margarida Oliveira no Conservatório de Música de Ourém. Em 2010 terminou a Licenciatura em Música na Escola Superior de Música de Lisboa, concluindo o Mestrado em Música e o Mestrado em Ensino, em 2014, sob orientação de João Vaz. Participou em vários cursos de aperfeiçoamento, como V Jornadas de Órgão (Santiago de Compostela), Curso Internacional de Música Antígua de Daroca, Orgelfestival Holland (Alkmaar, Holanda), ECHO Days (Bruxelas), e Toulouse les Orgues, nos quais trabalhou com personalidades como Maurício Croci, Roberto Antonello, Jose Luis Gonzalez Uriol, Pieter van Dijk, Frank van Wijk, Jean Ferrard, entre outros. Enquanto organista, tem-se apresentado em vários concertos por todo o país, dos quais se destacam os concertos integrados nos Festivais de Órgão de Santarém, São Vicente de Fora (Lisboa), Porto, Madeira, Algarve e Braga, e o Ciclo de Concertos a Seis Órgãos, em Mafra, no qual participa desde a sua criação, em 2011. Enquanto docente, é desde 2008 professora da classe de Órgão do Conservatório de Música e Artes do Centro.

### **Diogo Rato Pombo**

Diogo Rato Pombo licenciou-se em órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa na classe de António Esteireiro. É mestre em direção coral pela mesma instituição com instrução de Paulo Lourenço e orientação de João Vaz no projeto artístico “Um manuscrito inédito de João Rodrigues Esteves (*P-Lf A7 72/85*): edição crítica e opções interpretativas”. Frequentou diversas *masterclass* de órgão, direção coral e direção de orquestra. Como organista apresentou-se a solo no II Ciclo de órgão de Santarém, Integral da obra para órgão de Messiaen (2008), concertos “Non-Stop” dos 250 anos do órgão de S. Vicente de Fora (Lisboa), Ciclo de concertos a seis órgãos de Mafra (2011 a 2019), VIII Festival de órgão de Faro, e integrado em alguns agrupamentos de prestígio: Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa e SaxOrguEnsemble. Colabora regularmente com as igrejas de Linda-a-Velha e do Mosteiro dos Jerónimos. É professor de órgão e coro no Instituto de Música Vitorino Matono (Lisboa). Integra o Coro Gulbenkian.

### **João Santos**

João Santos licenciou-se em Música Sacra na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (2005). Organista premiado, apresenta-se regularmente como solista, destacando-se a Catedral de Westminster, Catedral de Notre Dame, Orgelfestival Rhür, St. Christoph Summer Festival (Vilnius), entre outros. Foi solista com a Orquestra Clássica da Madeira e trabalhou com a Orquestra Filarmonia das Beiras e Orquestra Sinfónica Portuguesa. É um compositor premiado nas áreas de orquestra de sopros, música coral e também na área do órgão, onde foi agraciado com dois primeiros prémios do concurso internacional de composição “Órgãos do Palácio Nacional de Mafra”, em 2017 na Categoria B e em 2019 na Categoria A. Teve encomendas para diversas instituições, bem como inúmeros pedidos na área da música litúrgica. Desta atividade, destaca-se a sua colaboração nas revistas *Libellus*, *Usualis* e *Salicus*. É pianista acompanhador do dueto de contratenores *Encanto*, com o qual se apresenta regularmente em digressões nacionais e internacionais. Dirige desde a sua fundação o Coro Carlos Seixas (Coimbra) e foi organista titular do Santuário de Fátima entre 2010 e 2018. É organista titular da Catedral de Leiria desde 2007.

### **João Vaz**

Diplomado em Órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatório Superior de Música de Aragão em Saragoça, João Vaz é também doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora, tendo defendido uma tese sobre a música portuguesa para órgão de finais do século XVIII. Tem mantido uma intensa atividade a nível internacional, quer como concertista, quer como docente em cursos de aperfeiçoamento organístico, ou membro de júri de concursos de interpretação. Gravou mais de uma dezena de Cds a solo, sobretudo em órgãos históricos portugueses. Leciona Órgão na Escola Superior de Música de Lisboa e é diretor artístico do Festival de Órgão da Madeira e das séries de concertos que se realizam no órgão histórico da Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa (instrumento cuja titularidade assumiu em 1997) e nos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra (de cujo restauro foi consultor permanente). É responsável por mais de vinte arranjos de obras para dois, três, quatro ou seis órgãos, os quais têm sido executados ao longo das séries regulares de concertos na Basílica. Em 2017, foi agraciado com a Medalha de Honra do Município de Mafra.



## Margarida Oliveira

Natural de Rion (França), Margarida Oliveira iniciou os seus estudos de órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa sob a orientação de João Vaz. Mais tarde ingressa na Escola Superior de Música de Lisboa prosseguindo os seus estudos musicais sob a orientação de Antoine Sibertin-Blanc. Para além de uma atividade de acompanhamento coral, participou nos concertos “Non-Stop” na Sé Catedral de Lisboa e na Igreja Alemã em Lisboa. Participou em *masterclasses* com Jürgen Essl, Klemens Schnorr e Hans-Ola Ericsson, entre outros. Participou ainda na XI semana de música antiga na cidade de Évora trabalhando com João Vaz e José Luis González Uriol. Foi professora de órgão no Conservatório Regional de Tomar e Canto Firme de Tomar, encontrando-se presentemente a ministrar aulas no Conservatório de Música de Ourém Fátima no qual é responsável pela classe. Sob a orientação de João Vaz e de João Pedro d’Alvarenga terminou em 2010 o mestrado em interpretação de órgão na Universidade de Évora, tendo apresentado um trabalho sobre a ornamentação na obra de Nicolas de Grigny.

## Sérgio Silva

Mestre em Música pela Universidade de Évora, Sérgio Silva começou por estudar órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa sob a orientação de João Vaz na disciplina de órgão e de António Esteireiro em acompanhamento e improvisação. Para além dos seus estudos regulares, teve oportunidade de contactar com diversos organistas de renome internacional, tais como, José Luis González Uriol, Luigi Ferdinando Tagliavini, Jan Willem Jansen, Michel Bouvard, Kristian Olesen e Hans-Ola Ericsson. Como concertista, apresenta-se regularmente, tanto a solo como integrado em diversos agrupamentos nacionais de prestígio, tendo atuado em Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, França, Alemanha e Macau. Enquanto investigador, tem realizado várias transcrições modernas de música antiga portuguesa, nomeadamente a primeira edição moderna da obra de Frei Fernando de Almeida. Atualmente, desempenha as funções de docência de órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola de Música Sacra de Lisboa, e é organista titular da Basílica da Estrela e da Igreja de São Nicolau (Lisboa).

## Ensemble Lusiovoce

O Ensemble Lusiovoce, que aqui se apresenta maioritariamente na sua formação de vozes femininas, tem direcionado a sua atividade principal para a performance de música moderna, incluindo a execução de obras em estreia. Interpreta frequentemente programas dedicados a temas específicos, como a composição portuguesa moderna e contemporânea, as diversas expressões da relação entre música e literatura ou a contraposição entre novo e antigo. Tem-se apresentado em alguns dos principais festivais de música nacionais, como o Cistermúsica de Alcobaça, o Festival de Vila do Conde, o Festival de Órgão de Santarém, o Festival Estoril Lisboa, o Festival de Órgão da Madeira, a programação das Comemorações do Santuário de Fátima e o Festival de Órgão de Mafra.













**Ericeira, Igreja de São Pedro**

José Carlos de Sousa Machado, 1822  
António Simões (restauro), 1986

**Manual (C – f<sup>m</sup>)**

Flautado de 12 aberto  
Flautado de 12 tapado  
O[itava] real  
Flautado de 6 tapado  
Quinzena  
Flauta doce  
Cheio 5 fl[ilas] V

Registos de Oitava real e de Cheio accionados por joelheiras



**Mafra, Igreja de Santo André**

Dinarte Machado, 2018

**Manual I (C – g<sup>m</sup>)**

Flautado de 12 aberto  
Flauta em 12  
Oitava real  
Trompa do campo em 12

**Manual II (C – g<sup>m</sup>)**

Flautado de 12 tapado  
Flauta de chaminé em 6  
Dozena nazarda  
Quinzena  
Decimanona

**Pedal (C - f')**

Flautado de 24 tapado  
Flautado violão em 12  
Flautado de 6 aberto

I / P  
II / P  
II / I





**Edição e propriedade**

Câmara Municipal de Mafra

**Coordenação do projeto**

Câmara Municipal de Mafra, João Vaz

**Datas e locais das gravações**

Mafra, Basílica do Palácio Nacional, 20-22/VII/2020

Mafra, Igreja de Santo André, 8-10/IX/2020

Encarnação, Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, 28/X/2020

Livramento, Igreja de Nossa Senhora do Livramento, 29/X/2020

Gradil, Igreja de São Silvestre, 21/IX/2020

Ericeira, Igreja de São Pedro, 22/IX/2020

**Direção da gravação**

João Vaz

**Gravação e edição digital**

François Sibertin-Blanc

**Assistência aos instrumentos**

Dinarte Machado

**Textos**

João Vaz

**Fotografias**

João Oliveira da Silva

**Design gráfico**

João Oliveira da Silva

**Impressão e encadernação**

LGP digital

**Tiragem:** 1000

**ISBN:** 978-972-8204-77-8

**Depósito Legal:** 490278/21

**1.<sup>a</sup> EDIÇÃO, NOVEMBRO DE 2021**





Dominada pelo monumental conjunto de seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra – resultado do trabalho desenvolvido entre 1793 e 1807 por Joaquim António Peres Fontanes e António Xavier Machado e Cerveira –, a paisagem organística mafrense inclui outros instrumentos que refletem a prática organeira portuguesa nos finais do século XVIII e início do século XIX. A este núcleo de órgãos históricos veio juntar-se recentemente o órgão da igreja de Santo André, construído em 2018 por Dinarte Machado. A presente coletânea reúne pela primeira vez o registo sonoro de todos os órgãos do concelho de Mafra, apresentando o repertório que mais se adequa a cada um dos instrumentos.



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Real Edifício de Mafra -  
Palácio, Basílica, Convento,  
Jardim do Cerco, Tapada  
Inscrito na Lista do  
Património Mundial em 2019



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
Direção-Geral do Património Cultural



PNMAFRA



Lisb@20<sup>20</sup>

PORTUGAL  
2020

UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu

rota  
memorial  
convento



EUROPEAN  
CULTURAL  
HERITAGE  
CONVENTS  
ROUTES OF  
EUROPEAN  
ORGANS